

JUAN RULFO

Prosa Curta



cavalo de ferro

DERAM-NOS A TERRA

Depois de tantas horas a caminhar sem encontrar nem uma sombra de árvore, nem uma semente de árvore, nem uma raiz de nada, ouve-se o ladrar dos cães.

Às vezes chegamos a acreditar, no meio deste caminho sem margens, que depois não haverá mais nada; que não se poderá encontrar nada do outro lado, no fim desta planura rachada de gretas e de arroios secos. Mas sim, há algo. Há uma aldeia. Ouvem-se os cães a ladrar e sente-se no ar o cheiro do fumo, e saboreia-se esse cheiro de gente como se fosse uma esperança.

Mas a aldeia está ainda muito para lá. É o vento que a aproxima.

Vimos caminhando desde o amanhecer. Agorinha devem ser para aí umas quatro da tarde. Alguém se assoma ao céu, estica os olhos para onde o Sol está pendurado e diz:

– São para aí umas quatro da tarde.

Esse alguém é o Melitón. Com ele vamos o Faustino, o Esteban e eu. Somos quatro. Eu conto-os: dois à frente, outros dois atrás. Olho mais para trás e não vejo ninguém. Então digo para mim próprio: «Somos quatro.» Há pouco, aí às onze, éramos vinte e tal; mas pouco a pouco foram-se dispersando até não ficar mais nada do que este novelo que somos nós.

Faustino diz:

– Pode ser que chova.

Todos levantamos a cara e olhamos para uma nuvem negra e pesada que passa por cima das nossas cabeças. E pensamos: «Pode ser que sim.»

Não dizemos o que pensamos. Há bastante tempo que se nos acabou a vontade de falar. Acabou-se com o calor. Uma pessoa conversaria com muito gosto noutra sítio, mas aqui dá muito trabalho. Uma pessoa põe-se a conversar aqui e as palavras aquecem na boca com o calor de lá de fora, e secam-se-nos na língua até nos deixarem sem fôlego.

Aqui as coisas são assim. Por isso a ninguém lhe dá para conversar.

Cai uma gota de água, grande, gorda, fazendo um buraco na terra e deixando um empaste como de uma cuspidela. Cai sozinha. Nós esperamos que continuem a cair mais. Não chove. Agora, se olharmos para o céu, vê-se a nuvem aguaceira correndo para bem longe, cheia de pressa. O vento que vem da aldeia arrima-se-lhe empurrando-a contra as sombras azuis dos cerros. E a gota caída por engano é comida pela terra, que a faz desaparecer na sua sede.

Quem diabo terá feito esta planície tão grande? Para que é que serve, hã?

Voltámos a caminhar. Tínhamos parado para ver chover. Não choveu. Agora voltamos a caminhar. E a mim vem-me à cabeça que já caminhámos mais do que aquilo que andámos. É do que me lembro. Se tivesse chovido talvez me lembrasse de outras coisas. Com tudo isto, eu sei que, desde rapaz, nunca vi chover sobre o Llano aquilo que se chama chover.

Não, o Llano não é coisa que sirva. Não há aqui nem coelhos nem pássaros. Não há nada. A não ser umas quantas acácias raquíticas e uma ou outra manchinha de pasto com as folhas enroscadas; a não ser isso, não há nada.

E por aqui vamos nós. Os quatro a pé. Antes andávamos a cavalo e trazíamos uma carabina a tiracolo. Agora nem sequer trazemos a carabina.

Eu sempre pensei que nisso de nos tirarem a carabina fizeram bem. Por aqui é perigoso andar armado. Matam qualquer um sem o avisar, vendo-o a toda a hora com a «30» às costas. Mas os cavalos são outro assunto. Se tivéssemos vindo a cavalo, já teríamos provado a água verde do rio e passeado os nossos estômagos pelas ruas da aldeia para que a comida assentasse. Já o teríamos feito se tivéssemos todos os cavalos que tínhamos. Mas também nos tiraram os cavalos juntamente com a carabina.

Viro-me para todos os lados e vejo o Llano. Tanta e tamanha terra para nada. Os olhos escorregam-nos ao não encontrarem coisa que os detenha. Só umas quantas lagartixas saem a assomar a cabeça por cima dos seus buracos e, assim que sentem a calmaria do sol, correm a esconder-se à sombrinha de uma pedra. Mas nós, quando tivermos de trabalhar aqui, que faremos para arrefecer do sol, hã? Porque a nós deram-nos esta crosta de calcário para que a semeássemos.

Disseram-nos:

– Da aldeia para cá é tudo vosso.

Nós perguntámos:

– O Llano?

– Sim, o Llano. Todo o Llano Grande.

Mudámos de cara para dizer que o Llano não o queríamos. Que queríamos o que estava junto do rio. Do rio para lá, pelas várzeas, onde estão essas árvores que se chamam casuarinas e as forragens e a terra boa. Não este duro couro de vaca que se chama o Llano.

Mas não nos deixaram dizer as nossas coisas. O delegado não vinha para conversar connosco. Pôs-nos os papéis na mão e disse-nos:

– Não se assustem por terem tanto terreno só para vocês.

– É que o Llano, senhor delegado...

– São milhares e milhares de jugadas.

– Mas não há água. Não há água sequer para fazer um bochecho.

– E o temporal? Ninguém vos disse que vos íamos dotar com terras de regadio? Assim que lá chover, o milho há-de crescer como se o estivessem a esticar.

– Mas, senhor delegado, a terra está deslavada, dura. Não acreditamos que o arado se enterre nessa coisa semelhante a uma canteira que é a terra do Llano. Teria de se fazer buracos com o enxadão para semear a semente e nem mesmo assim é garantido que nasça nada; nem milho, nem nada nascerá.

– Isso manifestem-no por escrito. E agora vão-se embora. O latifúndio é que vocês têm de atacar, não o Governo que vos dá a terra.

– Espere aí, senhor delegado. Nós não dissemos nada contra o Centro¹. É tudo contra o Llano... O que não pode ser não pode ser. Foi o que nós dissemos... Espere aí para lhe explicarmos. Olhe, vamos começar por onde íamos...

Mas ele não nos quis ouvir.

Assim nos deram esta terra. E nesta chapa aquecida querem que semeemos sementes de qualquer coisa, para ver se brota alguma coisa e se levanta. Mas daqui não se vai levantar nada. Nem urubus. Vemo-los muito de vez em quando, muito lá em cima, voando a correr; tentando sair o mais rapidamente possível desta branca poeira endurecida, onde nada se move e por onde caminhamos como se se estivesse a recuar.

O Melitón diz:

– É esta a terra que nos deram.

O Faustino diz:

– O quê?

Eu não digo nada. Eu penso: «O Melitón não tem a cabeça no lugar. Deve ser o calor que o faz falar assim. O calor que lhe atravessou o chapéu e lhe aqueceu a cabeça. Porque senão, porque diz o que diz? Que terra é que nos deram, Melitón? Aqui não há

1 *El Centro*, o Governo federal, do qual provêm os decretos de expropriação. [N. T.]

nem o pouquinho de que o vento necessitaria para brincar aos remoinhos.»

O Melitón volta a dizer:

– Servirá para algo. Servirá nem que seja para treinar éguas.

– Quais éguas? – pergunta-lhe Esteban.

Eu ainda não tinha reparado bem no Esteban. Agora que fala, reparo nele. Traz vestido um gabão que lhe chega ao umbigo, e por baixo do gabão deita a cabeça de fora qualquer coisa parecida com uma galinha.

Sim, é uma galinha vermelha o que o Esteban leva debaixo do gabão. Vêem-se-lhe os olhos adormecidos e o bico aberto, como se bocejasse. Eu pergunto-lhe:

– Ouve lá, Teban, onde conseguiste essa galinha?

– É a minha – diz ele.

– Não a trazias antes. Onde a compraste, hã?

– Não a comprei, é a galinha do meu curral.

– Então trouxeste-a de abastecimento, não?

– Não, trago-a para cuidar dela. A minha casa ficou sozinha e sem ninguém para lhe dar de comer; por isso a trouxe. Sempre que saio para longe carrego com ela.

– Ai escondida ainda se afronta. É melhor que a tires cá para fora para lhe dar o ar.

Ele acomoda-a debaixo do braço e assopra-lhe o ar quente da sua boca. Depois diz:

– Estamos a chegar ao despenhadeiro.

Eu já não ouço o que o Esteban continua a dizer. Pusemo-nos em fila para descer o barranco e ele vai mesmo à nossa frente. Vê-se que agarrou a galinha pelas patas e a toda a hora a sacode, para não lhe bater com a cabeça contra as pedras.

Conforme descemos, a terra faz-se boa. Sobe pó a partir de nós como se fosse um atalho de mulas o que desce por ali; mas gostamos de nos encher de pó. Gostamos. Depois de estarmos durante doze horas a pisar a dureza do Llano sentimo-nos muito

bem envoltos por aquela coisa que salta por cima de nós e que sabe a terra.

Por cima do rio, sobre as copas verdes das casuarinas, voam bandos de araquãs verdes. Também gostamos disso.

Agora os ladridos dos cães ouvem-se aqui, junto de nós, e o vento que vem da aldeia ressalta no barranco e enche-o de todos os seus ruídos.

O Esteban voltou a abraçar a sua galinha quando nos aproximámos das primeiras casas. Desata-lhe as patas para a desentorpecer, e depois ele e a sua galinha desaparecem atrás de uns arbustos.

– Eu vou por aqui! – diz-nos Esteban.

Nós seguimos para a frente, mais para dentro da aldeia.

A terra que nos deram está lá em cima.

A CUESTA DE LAS COMADRES

Os defuntos Torricos sempre foram bons amigos meus. Talvez em Zapotlán não gostassem muito deles, mas, no que me diz respeito, sempre foram bons amigos, até bem pouco antes de morrerem.

Agora isso de não os quererem em Zapotlán não tinha nenhuma importância, porque a mim tão-pouco me queriam lá, e quer-me parecer que a nenhum dos que vivíamos na Cuesta de las Comadres nos chegaram a ver com bons olhos os de Zapotlán. Isto vinha de tempos antigos.

Por outro lado, na Cuesta de las Comadres, os Torricos não se davam bem com toda a gente. Frequentemente havia desavenças. E, não querendo exagerar, eles eram ali os donos da terra e das casas que estavam em cima da terra, apesar de, quando fizeram a partilha, a maior parte da Cuesta de las Comadres nos ter tocado por igual, aos sessenta que lá vivíamos, e a eles, aos Torricos, nada mais do que um pedaço de monte, com apenas uma *mezcalera*, mas onde estavam dispersas quase todas as casas. Apesar disso, a Cuesta de las Comadres era dos Torricos. O horto que eu trabalhava também era deles: de Odilón e de Remigio Torrico, e a dúzia e meia de lombas verdes que se viam lá em baixo eram igualmente deles. Não havia nada que averiguar. Toda a gente sabia que era assim.

No entanto, de há alguns dias para cá, a Cuesta de las Comadres tinha-se ido desabitando. De tempos a tempos, alguém se ia embora; atravessava o aprisco onde está o mastro e desaparecia entre as azinheiras, e nunca mais voltava a aparecer. Iam-se embora, só isso.

E eu também teria ido de boa vontade ver o que havia mesmo atrás do monte que não deixava voltar ninguém; mas gostava do terrenozinho da Cuesta, e além do mais era bom amigo dos Torricos.

O horto onde eu semeava todos os anos um bocadinho de milho para ter maçarocas e outro bocadinho de feijão ficava do lado de cima, lá onde a ladeira desce até esse barranco a que chamam Cabeza del Toro.

O lugar não era feio, mas a terra tornava-se pegajosa assim que começava a chover, e depois havia um esparramamento de pedras duras e afiadas como troncos que pareciam crescer com o tempo. No entanto, o milho pegava bem e as maçarocas que lá se davam eram muito doces. Os Torricos, que para tudo o que comiam precisavam do sal de *tequesquite*¹, para as minhas maçarocas não o usavam; nunca o procuraram nem falaram em deitar *tequesquite* nas minhas maçarocas, que eram como as que se davam em Cabeza del Toro.

E com tudo isso, o caso é que as lombas verdes lá de baixo eram melhores, as pessoas foram-se acabando. Não iam para os lados de Zapotlán, mas sim por este outro rumo, por onde chega a toda a hora esse vento cheio do cheiro das azinheiras e do barulho do monte. Iam de boca calada, sem dizer nada nem brigar com ninguém. De certeza que lhes sobrava vontade de brigar com os Torricos para se desferrarem de todo o mal que lhes tinham feito; mas não tiveram ânimo.

De certeza que foi isso que aconteceu.

1 Salitre de terras lacustres. [N. T.]

O facto é que, mesmo depois de os Torricos terem morrido, nunca mais ninguém cá voltou. Eu ainda estive à espera. Mas ninguém regressou. Primeiro cuidei-lhes das casas; remendei os tectos e pus ramos nos buracos das suas paredes; mas vendo que tardavam a regressar, deixei-as em paz. Os únicos que nunca deixaram de vir foram os aguaceiros de meados do ano, e esses vendavais que sopram em Fevereiro e que estão sempre a desta-par-nos a manta. De vez em quando também vinham os corvos a voar muito baixinho e grasnando alto como se pensassem que estavam em algum lugar desabitado.

Assim continuaram as coisas mesmo depois de os Torricos terem morrido.

Antes, daqui sentado onde agora estou, via-se nitidamente Zapotlán. A qualquer hora do dia ou da noite podia ver-se a manchinha branca de Zapotlán lá longe. Mas agora os jarros cresceram muito densamente e, por mais que o ar os mova de um lado para o outro, não deixam ver nada de nada.

Lembro-me de antes, quando os Torricos também vinham aqui sentar-se e ficavam acorados horas e horas até ao escurecer, olhando para o longe sem se cansarem, como se este lugar lhes sacudisse os pensamentos ou a vontade de irem passear a Zapotlán. Só depois soube que não pensavam nisso. Unicamente se punham a olhar o caminho: aquela larga azinhaga arenosa que se podia seguir com o olhar desde o começo até que se perdia entre os pinheiros do cerro da Media Luna.

Eu nunca conheci ninguém que tivesse um alcance de vista como o de Remigio Torrico. Era zarolho. Mas o olho negro e meio fechado que tinha parecia aproximar tanto as coisas que quase as trazia para junto das suas mãos. E daí a saber que vultos se mexiam no caminho não havia nenhuma diferença. Assim, quando o seu olho se sentia confortável tendo em quem recarregar o olhar, os dois levantavam-se do seu mirante e desapareciam da Cuesta de las Comadres por algum tempo.

Eram os dias em que tudo se punha de outra maneira aqui entre nós. As pessoas tiravam das covas do monte os seus animaizinhos e traziam-nos para os amarrarem nos seus currais. Então sabia-se que havia borregos e perus. E era fácil ver quantos montões de milho e de cabaças amarelas amanheciam esturricando-se nos pátios. O vento que atravessava os cerros era mais frio do que outras vezes; mas não se sabia porquê, todos ali diziam que fazia muito bom tempo. E ouvia-se na madrugada que os galos cantavam como em qualquer lugar tranquilo, e aquilo parecia como se sempre tivesse havido paz na Cuesta de las Comadres.

Depois os Torricos voltavam. Avisavam que vinham antes de chegarem, porque os seus cães começavam numa correria e não paravam de ladrar até os encontrarem. E só pelos ladridos, todos calculavam a distância e o rumo por onde iriam chegar. Então as pessoas apressavam-se a esconder outra vez as suas coisas.

Sempre foi assim o medo que traziam os defuntos Torricos de cada vez que regressavam à Cuesta de las Comadres.

Mas eu nunca cheguei a ter-lhes medo. Era bom amigo dos dois e às vezes teria querido ser um pouco menos velho para me meter nos trabalhos em que eles andavam. No entanto, eu já não servia para muito. Dei-me conta naquela noite em que os ajudei a roubar um arrieiro. Então dei-me conta de que me faltava algo. Era como se a vida que eu tinha estivesse já muito desperdiçada e não aguentasse mais esticões. Disso me dei conta.

Foi mais ou menos a meio da chuvada que os Torricos me convidaram para os ajudar a trazer uns fardos de açúcar. Eu ia um bocadinho assustado. Primeiro porque estava caindo uma tempestade dessas em que a água parece que nos está a escarvar por baixo dos pés. Depois, porque não sabia aonde ia. De qualquer modo, aí vi o sinal de que já não estava feito para andar em andanças.

Os Torricos disseram-me que não estava longe o lugar aonde íamos. «Em coisa de um quarto de hora estamos lá», disseram-me. Mas quando alcançámos o caminho da Media Luna começou a escurecer e quando chegámos onde estava o arrieiro já ia alta a noite.

O arrieiro não parou para ver quem vinha. Seguramente estava esperando os Torricos e por isso não lhe chamou a atenção ver-nos chegar. Foi o que pensei. Mas todo o tempo que carregámos de cá para lá com os fardos de açúcar, o arrieiro manteve-se quieto acaçapado no meio do pasto. Então disse-lhes isso aos Torricos. Disse-lhes:

– Esse que está ali estendido parece estar morto ou algo parecido.

– Não, só deve estar adormecido – disseram-me eles. – Deixámo-lo aqui a tomar conta, mas deve ter-se cansado de esperar e deixou-se dormir.

Eu fui e dei-lhe uma patada nas costelas para que acordasse; mas o homem continuou igualmente estendido.

– Está bem morto – voltei a dizer-lhes.

– Não, não acredites, está só um bocadinho atarantado porque Odilón deu-lhe com um lenho na cabeça, mas depois levanta-se. Vais ver que assim que o Sol nascer e ele sentir o calorzinho, levantar-se-á cheio de pressa e irá de seguida para casa. Agarra esse fardo ali e vamo-nos! – Foi tudo o que me disseram.

Por fim dei uma última patada ao mortozinho e soou como se a tivesse dado a um tronco seco. Depois atirei a carga para os ombros e vim para a frente. Os Torricos seguiam-me. Ouvi-os cantar durante bastante tempo, até que amanheceu. Quando amanheceu, deixei de ouvi-los. Esse ar que sopra mesmo antes da madrugada levou os gritos da sua canção e já não pude saber se me seguiam, até que ouvi passar por todos os lados os ladridos encarreirados dos seus cães.

Foi assim que soube que coisas iam espiar todas as tardes os Torricos, sentados ao pé da minha casa na Cuesta de las Comadres.

Ao Remigio Torrico matei-o eu.

Nessa altura já havia pouca gente nos ranchos. Primeiro tinham abalado um após outro; mas os últimos quase foram em manada. Ganharam e abalaram, aproveitando a chegada das geadas. Em anos passados chegaram as geadas e acabaram com as sementeiras numa só noite. E este ano também. Por isso abalaram. Certamente acharam que no ano seguinte seria a mesma coisa e parece que já não se sentiram com vontade de continuar a suportar as calamidades do tempo todos os anos e a calamidade dos Torricos a toda a hora.

Assim, quando eu matei Remigio Torrico, já estavam bem vazias de gente a Cuesta de las Comadres e as lombas dos arredores.

Isto sucedeu para aí em Outubro. Lembro-me de que havia uma lua muito grande e muito cheia de luz, porque eu sentei-me na soleira da porta da minha casa a remendar um saco todo esburacado, aproveitando a boa luz da Lua, quando chegou o Torrico.

Devia ter estado bêbedo. Pôs-se à minha frente e bamboleava-se de um lado para o outro, tapando-me e destapando-me a luz que eu precisava da Lua.

— Andar com rodeios não é bom — disse-me depois de um bom bocado. — Eu gosto das coisas direitas, e se tu não gostas, sofres as consequências, porque eu vim aqui para as endireitar.

Eu continuei a remendar o meu saco. Só tinha olhos para lhe coser os buracos, e a agulha de albarda trabalhava muito bem quando a alumiaava a luz da Lua. De certeza que foi por isso que achou que eu não me preocupava com o que ele dizia:

– Estou a falar contigo – gritou-me, agora sim já irritado. – Bem sabes ao que vim.

Espantei-me um pouco quando se aproximou de mim e me gritou aquilo quase à queima-roupa. No entanto, tentei ver-lhe a cara para saber de que tamanho era a sua fúria e continuei a fixá-lo, como que a perguntar-lhe ao que tinha vindo.

Isso resultou. Já mais calmo, saiu-se com esta: que as pessoas como eu têm de se apanhar desprevenidas.

– Seca-se-me a boca por te estar falando depois do que fizeste – disse-me –; mas era tão meu amigo o meu irmão como tu e só por isso vim ver-te, a ver como esclareces a morte de Odilón.

Eu já o ouvia muito bem. Pus de lado o saco e fiquei a ouvi-lo sem fazer mais nada.

Soube que me culpava de ter matado o irmão. Mas não tinha sido eu. Lembrava-me de quem tinha sido, e ter-lho-ia dito, embora parecesse que ele não me daria oportunidade para lhe dizer como estavam as coisas.

– Odilón e eu chegámos a brigar muitas vezes – continuou a dizer-me. – Era algo duro de entendimento e gostava de afrontar toda a gente, mas não passava dali. Com umas tantas porradas acalmava-se. E é isso que quero saber: se te disse alguma coisa ou se te quis tirar alguma coisa ou o que é que se passou. Pode ser que te tivesse querido bater e tu adiantaste-te. Algo assim deve ter sucedido.

Eu abanei a cabeça para lhe dizer que não, que eu não tinha nada a ver...

– Ouve – atalhou-me o Torrico –, o Odilón levava nesse dia catorze pesos no bolso da camisa. Quando o levantei, revistei-o e não encontrei esses catorze pesos. Depois soube que ontem tinhas comprado uma manta.

E isso estava certo. Eu tinha comprado uma manta. Vi que os frios vinham com muita pressa e o gabão que eu tinha estava já todo desfiadinho, por isso fui a Zapotlán para conseguir uma

manta. Mas para isso tinha vendido o par de chibos que tinha, e não foi com os catorze pesos de Odilón que a comprei. Ele podia ver que, se o saco se tinha enchido de buracos, isso se devia a que tive de levar o chibozinho pequenino ali metido, porque ainda não podia andar como eu queria.

– Fica a saber de uma vez por todas que penso cobrar o que fizeram ao Odilón, seja quem for que o matou. E eu sei quem foi – ouvi que mo dizia quase em cima da minha cabeça.

– De maneira que fui eu? – perguntei-lhe.

– E quem mais teria sido? O Odilón e eu éramos sem-vergonha e tudo o que quiseses, e não digo que não chegámos a matar ninguém; mas nunca o fizemos por tão pouco. É isso que te digo.

A Lua grande de Outubro batia em cheio sobre o curral e lançava até à parede da minha casa a sombra longa de Remigio. Vi que se movia em direcção a um medronheiro e que agarrava o machado que eu tinha sempre pendurado ali. Depois vi que regressava com o machado na mão.

Mas quando ele saiu da frente, a luz da Lua fez brilhar a agulha de albardar que eu tinha enfiado no saco. E não sei porquê, mas de repente comecei a ter uma grande fé naquela agulha. Por isso, ao passar Remigio Torrico a meu lado, desenfiei a agulha, e sem esperar mais nada espetei-a nele, pertinho do umbigo. Enfiei-lha até onde coube. E aí a deixei.

Logo depois encolheu-se todo como quando nos dá uma cólica e logo após ficou inteiriçado até se dobrar de joelhos e ficar sentado no chão, todo intumescido e com o susto a assomarlhe pelo olho.

Por instantes parecia que se ia a endireitar para me dar uma machadada com o machete; mas de certeza que se arrependeu ou já nem sabia o que fazia, largou o machado e voltou a encolher-se. Não fez mais do que isso.

Então vi que se lhe ia entristecendo o olhar como se começasse a sentir-se doente. Há muito que não me tocava ver um

olhar assim tão triste e deu-me lástima. Por isso aproveitei para lhe tirar a agulha de albarda do umbigo e enfiar-lha um bocadinho mais para cima, ali onde pensei que teria o coração. E sim, ali o tinha, porque apenas deu dois ou três respingos como um frango decapitado e depois ficou quieto.

Já devia estar morto quando lhe disse:

– Olha, Remigio, vais-me desculpar, mas eu não matei o Odilón. Foram os Alcaraces. Eu andava por lá quando ele morreu, mas lembro-me bem de que eu não o matei. Foram eles, toda a família inteira dos Alcaraces. Caíram-lhe em cima, e quando me dei conta, o Odilón estava agonizando. E sabes porquê? Para começar, o Odilón não devia ter ido a Zapotlán. Tu sabes isso. Mais tarde ou mais cedo tinha de lhe acontecer alguma coisa nessa aldeia, onde havia tantos que se lembravam bem dele. E nem sequer os Alcaraces gostavam dele. Nem tu nem eu podemos saber o que foi ele lá fazer a meter-se com eles.

«Foi uma coisa assim de repente. Eu acabava de comprar a minha manta e já estava de saída quando o teu irmão escarrou um golo de mescal na cara de um dos Alcaraces. Ele fê-lo a brincar. Via-se que o tinha feito para se divertir, porque fê-los rir a todos. Mas estavam todos bêbedos. Odilón e os Alcaraces e todos. E de repente caíram-lhe em cima. Sacaram das facas e saltaram-lhe em cima e bateram-lhe até não deixarem de Odilón nada que servisse. Disso morreu.

«Como vês, não fui eu quem o matou. Gostava que te desses conta de que eu não me intrometi em nada.»

Isso disse ao defunto Remigio.

Já a Lua se tinha metido do outro lado das azinheiras quando eu regresssei à Cuesta de las Comadres com o camaroeiro vazio. Antes de voltar a guardá-lo, dei-lhe uns quantos mergulhos no arroio para lhe enxaguar o sangue. Eu ia precisar dele dentro de pouco tempo e não ia gostar de ver o sangue do Remigio a toda a hora.

Lembro-me de que isso aconteceu para aí em Outubro, na época das festas de Zapotlán. E digo que me lembro de que foi por esses dias porque em Zapotlán estavam queimando foguetes, enquanto do lado para onde atirei o Remigio se levantava um grande bando de urubus a cada estampido que davam os foguetes.

Disso me lembro.

É QUE SOMOS MUITO POBRES

Aqui vai tudo de mal a pior. Na semana passada morreu a minha tia Jacinta, e no sábado, quando já a tínhamos enterrado e começava a abalar-nos a tristeza, começou a chover como nunca. Ao meu papá isso irritou-o, porque toda a colheita de cevada estava a secar na eira. E o aguaceiro chegou de repente, em grandes ondas de água, sem sequer nos dar tempo para esconder nem que fosse um pequeno molho; a única coisa que pudemos fazer, todos os da minha casa, foi ficarmos arrimados uns aos outros debaixo do telheiro, vendo como a água fria que caía do céu queimava aquela cevada tão recém-cortada.

E só ontem, quando a minha irmã Tacha acabava de fazer doze anos, soubemos que a vaca que o meu papá lhe ofereceu para o dia do seu aniversário tinha-a levado o rio.

O rio começou a crescer há três noites, lá para a madrugada. Eu estava muito adormecido e, no entanto, o estrondo que o rio trazia ao arrastar-se fez-me acordar imediatamente e saltar da cama com a minha manta na mão, como se tivesse acreditado que se estava desmoronando o tecto da minha casa. Mas depois voltei a adormecer, porque reconheci o barulho do rio e porque esse barulho foi-se tornando igual até me trazer outra vez o sono.

Quando me levantei, a manhã estava cheia de nuvens escuras e parecia que tinha continuado a chover sem parar. Notava-se que

o barulho do rio era mais forte e ouvia-se mais perto. Cheirava como cheira uma queimada, o cheiro a podre da água revolta.

À hora a que fui espreitá-lo, o rio já tinha perdido as suas margens. Ia subindo pouco a pouco pela rua principal, e estava a meter-se a toda a velocidade em casa daquela mulher a quem chamam o Tambor. O chapiscar da água ouvia-se ao entrar pelo curral e ao sair em grandes jorros pela porta. O Tambor ia e vinha, caminhando pelo que era já um pedaço de rio, pondo na rua as suas galinhas para que se fossem esconder em algum lugar onde não lhes chegasse a corrente.

E pelo outro lado, por onde se encontra a curva, o rio deve ter levado, quem sabe desde quando, o tamarindo que estava no solar da minha tia Jacinta, porque agora já não se vê nenhum tamarindo. Era o único que havia na aldeia, e só por isso as pessoas dão-se conta de que a cheia que vemos é a maior de todas as que desceram o rio em muitos anos.

A minha irmã e eu voltámos a ir à tarde ver aquele amontoado de água que cada vez se faz mais espessa e escura e que já passa muito por cima de onde deve estar a ponte. Ali estivemos horas e horas sem nos cansarmos vendo aquela coisa. Depois subimos pelo barranco, porque queríamos ouvir bem o que diziam as pessoas, pois lá em baixo, junto do rio, há uma grande barulheira e só se vêem as bocas de muitos que se abrem e fecham e parece que querem dizer algo; mas não se ouve nada. Por isso subimos pelo barranco, onde também há gente olhando o rio e contando os prejuízos que fez. Foi ali que soubemos que o rio tinha levado a *Serpentina*, a vaca que era da minha irmã Tacha, porque o meu papá lha ofereceu no dia do seu aniversário, e que tinha uma orelha branca e outra avermelhada e muito bonitos olhos.

Não consigo perceber porque é que a *Serpentina* se lembraria de passar o rio, quando sabia perfeitamente que não era o mesmo rio que ela conhecia de todos os dias. Nunca via *Serpentina* tão

atarantada. O mais certo é ter vindo ainda a dormir para se deixar matar assim sem mais nem menos. A mim muitas vezes tocou-me acordá-la quando lhe abria a porta do curral, porque senão, por vontade dela, ali estaria o dia inteiro com os olhos fechados, bem quieta e suspirando, como se ouvem suspirar as vacas quando dormem.

E aqui deve ter acontecido isso, adormeceu. Talvez se tenha lembrado de acordar ao sentir que aquela água pesada lhe batia nas costelas. Talvez então se tenha assustado e tenha tentado regressar; mas, ao virar-se, encontrou-se entressachada e inteiriçada entre aquela água negra e dura como terra corrediça. Talvez tenha bramado pedindo que a ajudassem.

Bramou só Deus sabe como.

Eu perguntei a um senhor, que viu quando o rio a arrastava, se não tinha visto também o bezerrinho que andava com ela. Mas o homem disse que não sabia se o tinha visto. Só disse que a vaca malhada passou de patas para o ar muito pertinho de onde ele estava e que ali deu uma reviravolta e depois não voltou a ver nem os cornos nem as patas nem nenhum sinal da vaca. Pelo rio rodavam muitos troncos de árvores, com raízes e tudo, e ele estava muito ocupado a tirar lenha, de modo que não podia reparar se eram animais ou troncos o que a corrente arrastava.

Por isso, não sabemos se o bezerro está vivo, ou se foi atrás da mãe pelo rio abaixo. Se assim foi, que Deus os ampare aos dois.

O problema que há na minha casa é o que poderá acontecer no dia de amanhã, agora que a minha irmã Tacha ficou sem nada. Porque o meu papá com muito trabalho tinha conseguido a *Serpentina*, ainda ela era uma vitelinha, para a dar à minha irmã, a fim de que ela tivesse um capitalzinho, e não se tornasse puta como fizeram as minhas outras duas irmãs, as mais velhas.

Segundo o meu papá, elas tinham-se deitado a perder porque éramos muito pobres lá em casa e elas eram muito respondonas. Desde pequeninas que já eram resmungonas. E assim que

crianças cresceram, deu-lhes para andar com homens do piorio, que lhes ensinaram coisas más. Elas aprenderam depressa e percebiam muito bem os assobios, quando as chamavam a altas horas da noite. Depois saíam até de dia. iam a toda a hora buscar água ao rio e às vezes, quando uma pessoa menos esperava, ali estavam elas no curral, rebolando-se no chão, todas despidas e cada uma com um homem em cima.

Então o meu papá correu com as duas. Primeiro aguentou-lhes tudo o que pôde; mas um dia já não pôde aguentá-las mais e deu-lhes saída para a rua. Elas foram para Ayutla ou não sei para onde; e aí andam como putas.

Por isso lhe entra a mortificação ao meu papá agora pela Tacha, pois não quer que lhe aconteça como às suas outras duas irmãs, ao sentir que ficou muito pobre com a falta da sua vaca, vendo que já não vai ter com que se entreter enquanto lhe dá para crescer e pode ainda casar-se com um homem bom, que a queira para sempre. E isso agora vai ser difícil. Com a vaca era diferente, pois não havia de faltar quem se animasse a casar-se com ela, só para levar também aquela vaca tão bonita.

A única esperança que nos resta é que o bezerro ainda esteja vivo. Oxalá não se tenha lembrado de passar o rio atrás da mãe. Porque, se assim foi, a minha irmã Tacha está a um passinho de se fazer puta. E a mamã não quer.

A minha mamã não sabe porque é que Deus a castigou tanto dando-lhe umas filhas assim, quando na sua família, da sua avó para cá, nunca houve gente má. Todos foram criados no temor de Deus e eram muito obedientes e não faltavam ao respeito a ninguém. Todos foram do mesmo estilo. Quem sabe de onde lhes viria, a esse par de filhas suas, aquele mau exemplo. Ela não se lembra. Dá a volta a todas as suas recordações e não vê bem onde esteve o seu mal ou pecado para lhe nascer uma filha atrás de outra com o mesmo mau hábito. Não se lembra. E cada vez que pensa nelas, chora e diz: «Que Deus as ampare às duas.»

Mas o meu papá alega que aquilo já não tem remédio. A perigosa é a que fica aqui, a Tacha, que vai como tronco de pinheiro, cresce e cresce e já tem uns princípios de seios que prometem ser como os das suas irmãs: pontiagudos e altos e meio alvoroçados para chamar a atenção.

— Sim — diz —, vai encher os olhos a qualquer um em qualquer sítio que a vejam. E acabará mal; já estou vendo que acabará mal.

Essa é a mortificação do meu papá.

E a Tacha chora ao sentir que a sua vaca não voltará porque lha matou o rio. Está aqui, ao meu lado, com o seu vestido cor-de-rosa, olhando o rio do barranco e sem parar de chorar. Pela sua cara correm jorros de água suja como se o rio se tivesse metido dentro dela.

Eu abraço-a tentando consolá-la, mas ela não percebe. Chora ainda com mais vontade. Da sua boca sai um ruído semelhante ao que se arrasta pelas margens do rio, que a faz tremer e sacudir-se toda, e entretanto a cheia continua a subir. O sabor a podre que vem de lá salpica a cara molhada da Tacha e os dois peitinhos dela mexem-se de cima para baixo sem parar como se de repente comessem a inchar para começarem a trabalhar pela sua perdição.

«A descoberta de Juan Rulfo — tal como a de Franz Kafka — será, sem dúvida, um capítulo essencial das minhas memórias (...) Não são muito mais de trezentas páginas, mas são quase tantas, e creio que tão perduráveis, como aquelas que conhecemos de Sófocles.»

Gabriel García Márquez, Prémio Nobel de Literatura




Em 1953, dois anos antes de *Pedro Páramo*, com o qual obterá a consagração internacional como um dos escritores mais influentes do século xx, Juan Rulfo publica a sua primeira obra, um volume de contos com o título *A Planície em Chamas*. Desde logo, a novidade da sua prosa impressiona e desperta a atenção, nomeadamente pela profundidade das personagens: camponeses que lutam pela subsistência, caciques brutais e revolucionários sanguinários que se cruzam e coexistem num cenário árido e pobre, carregado de solidão, violência e morte.

Será ainda nesses anos decisivos, de «pura criação», que é convidado a colaborar na nova vaga do cinema mexicano, nascendo a escrita de *O Galo de Ouro*, texto admirável, redigido entre 1956 e 1958 para servir como argumento para cinema e publicado em livro somente em 1980.

Prosa Curta reúne num único volume toda esta produção literária do autor.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896239862



9 789896 239862 >